

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM MATO GROSSO DO SUL: um olhar em Dourados

Tiaki Cintia Togura Faoro

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – UFMS
tiakitogura@gmail.com

Luzia Aparecida de Souza

Professora do CCET e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática - UFMS
luzia.souza@ufms.br

Resumo

Este artigo trata de uma pesquisa em que pretendemos caracterizar o primeiro curso de formação de professores de matemática da cidade de Dourados. Iremos analisar as movimentações que levaram à criação, implantação e estruturação do corpo docente ofertada pela FUFMS / UFGD na década de 1980. Para tanto são mobilizadas, além das fontes escritas, entrevistas cedidas pelos primeiros professores do curso de habilitação e licenciatura em matemática, com o objetivo de compreender o processo de implantação e do desenvolvimento sob o olhar dos entrevistados. A pesquisa aqui relatada se baseia na metodologia da História oral que proporciona, por meio das entrevistas, a criação de documentos orais e escritos que são fundamentais à investigação. O estudo do movimento de/para implantação desse curso envolve, ainda, um mapeamento dos profissionais (e de sua formação) que foram responsáveis pela formação dos professores de matemática de FUFMS / UFGD.

Palavras – chave: História Oral. Corpo docente. Formação de professores. UFMS/UFGD.

Introdução

Este artigo baseia-se nos primeiros estudos vinculados a uma pesquisa de mestrado que visa compreender o movimento de implantação e estruturação dos primeiros cursos formadores de professores de matemática em Dourados, a saber o curso de Ciências com Habilitação em Matemática e a Licenciatura Plena em Matemática (atualmente oferecida pela UFGD).

Inicialmente, essa instituição pertencia à UEMT que, após o desmembramento do estado de Mato Grosso, foi federalizada, passando a ser chamada de Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FUFMS) e, em 2006, passa a ser UFGD, tornando-se a segunda universidade federal de Mato Grosso do Sul.

Um exercício fundamental para esta pesquisa é mapear informações sobre UFMS/UFGD de Dourados, de modo a compreender o processo de implantação do curso formador de professores de matemática que se iniciou em 1984 com a implantação do curso

de Habilitação em Matemática, criado a partir do Curso de Ciências existente desde 1975. Com a criação do curso de Licenciatura Plena em Matemática em 1987 pela UFMS, iremos analisar as várias modificações que ocorreram em relação à estrutura física e pedagógica do curso de matemática. Desta forma, realizaremos o mapeamento do corpo docente, a fim de entender e compreender os processos de implantação e desenvolvimento desde sua criação.

A realização de entrevistas com professores, alunos, coordenadores atuantes nos primeiros anos desses cursos é fundamental para a construção de um cenário que englobe as influências trazidas pelos primeiros professores formadores das instituições e estados de onde vieram. O processo migratório no país mostra-se, inicialmente, como um norte para a discussão dos modelos de formação implementado no interior de Mato Grosso do Sul.

Esta é uma pesquisa de mestrado realizada junto ao programa de Pós – graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Campo Grande (MS) e vinculada a um projeto mais amplo que visa mapear a formação de professores que ensinam matemática no Mato Grosso do Sul¹.

O movimento investigativo que está em andamento prevê uma análise da formação dos primeiros professores formadores de professores de matemática em Dourados, das influências teóricas e políticas que se articulam para a implementação de um curso superior de formação de professores de matemática e da proposta de formação desse primeiro curso em Dourados e de seu legado para a atual formação de professores na região.

Documentos escritos e pictográficos da temática em estudo estão sendo procurados e digitalizados, e interlocutores, por sua vez, foram contatados para realização das entrevistas.

Este artigo propõe compreender brevemente a história da cidade de Dourados e o processo de implantação do curso, com um olhar sobre as potencialidades de uma metodologia que articula diversas fontes, mas cuida especialmente de um processo de criação de fontes a partir de situações de entrevista: a história oral.

Um breve contexto sobre a cidade de Dourados

Antes de ser povoada pela população branca, a região de Dourados era habitada pelos indígenas terenas e kaiwa. Atualmente, Dourados possui uma das maiores populações indígenas do Brasil. Somente com o fim da guerra do Paraguai em 1870 a região foi povoada pela população branca, vindo principalmente das regiões Sul e sudeste, como Rio Grande do

¹ Projeto financiado pelo CNPq junto ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa – HEMEP.

Sul, São Paulo e Minas Gerais, na busca de terras no oeste do país. Com a divulgação de terras férteis, aumentou o número de imigrantes entre os quais Marcelino Pires, Januário Pereira de Araujo e Joaquim Teixeira Alves se destacaram. Os mesmos tomaram a iniciativa de criar a colônia de São João Batista de Dourados, tornando-se a principal produtora de erva mate da região. Com o grande desenvolvimento agrícola, em 1920 foram criadas agências dos correios e Telégrafos, o primeiro time de futebol e a organização da igreja. Desta forma, pelo Decreto Estadual de nº 30 de 20 de dezembro de 1935, a colônia se tornou município, sendo desmembrado da cidade de Ponta Porã.

Hoje, a cidade de Dourados possui aproximadamente 200.000 habitantes, sendo a segunda maior cidade do Estado de Mato Grosso do Sul, composta por uma cidade universitária de grande importância para a região, pois conta com seis universidades sendo duas públicas, a UEMS e UFGD, que oferecem diversos cursos em diferentes áreas de formação de nível superior, com competência de formar profissionais para abastecer o mercado de trabalho para toda a região de Dourados.

Algumas influências importantes para iniciarmos a pesquisa

Um dos eventos que consideramos fundamental na área da Educação Matemática é o EBRAPEM- Encontro Brasileiro de estudantes de Pós Graduação em Educação Matemática. Este evento, realizado anualmente, reúne mestrandos e doutorandos de todo o país e coloca-se como um sinalizador de tendências investigativas (temáticas, teóricas, metodológicas). Neste, tem sido notória a presença de inúmeras pesquisas sobre História da Educação Matemática, em particular, muitas pesquisas ligadas a uma tendência de construção de mapeamentos históricos da formação de professores de matemática em diversas regiões do Brasil.

Nos últimos anos houve um aumento considerável de pesquisas nessa linha. Muitas dessas pesquisas estão ligadas ao GHOEM- Grupo de História Oral e Educação Matemática como Cury (2007) que investiga a formação de professores de matemática em Goiás, Cury (2012) que constrói uma história da formação de professores e instituições formadoras em Tocantins, Baraldi (2003) que investiga essa formação no centro oeste paulista com um olhar sobre a CADES-Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, Martins (2003) que pesquisou sobre a formação de professores de matemática das escolas rurais, Martins (2007) que investigou essa perspectiva dentro das escolas agrícolas do estado de São Paulo, Martins-Salandim (2012) que estudou a interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo e Roukouski (2006) que trabalhou com depoimentos de vários

professores de diferentes regiões do Brasil, para tentar compreender como as influências do meio proporcionam a formação do profissional da educação.

Junto ao grupo HEMEP- História da Educação Matemática em Pesquisa, destacam-se as pesquisas em andamento acerca das instituições formadoras de professores de matemática no estado de Mato Grosso do Sul (conduzida por Carla Regina Mariano da Silva), orientações pedagógicas nas escolas normais de Campo Grande (realizada por Carlos Souza Pardim), a formação matemática na Escola Normal Joaquim Murtinho em Campo Grande (em desenvolvimento por Ana Carolina Ribas de Siqueira), a formação matemática via rádio pelo Projeto Minerva (conduzida por Thiago Pedro Pinto), formação matemática de professores primárias na zona rural de Sidrolândia/MS (em desenvolvimento por Vivian Nantes), entre outras.

Estas são algumas das pesquisas em História da Educação Matemática que contribuem para a construção de um mapeamento sobre a formação de professores de matemática no Brasil.

Uma proposta metodológica para o estudo histórico da formação de professores de matemática

A pesquisa científica é comumente discutida em termos de suas possíveis abordagens, quais sejam: a abordagem qualitativa e a quantitativa. Enquanto a base da pesquisa quantitativa está na busca por uma menor interferência do pesquisador, por uma maior varredura de informações, a pesquisa qualitativa dedica-se a reconhecer essa subjetividade inerente a qualquer tipo de pesquisa e realizar investigações em profundidade, explorando indícios sem preocupação com generalizações. Por terem focos de estudo e modo de análises diferenciadas, cabe uma opção que, nessa pesquisa, é feita pela abordagem qualitativa.

(...) o adjetivo “qualitativa” estará adequado às pesquisas que reconhecem: (a) a transitoriedade de seus resultados; (b) a impossibilidade de uma hipótese *a priori*, cujo objetivo da pesquisa será comprovar ou refutar; (c) a não neutralidade do pesquisador que, no processo interpretativo, vale-se de suas perspectivas e filtros vivenciais prévios dos quais não consegue se desvencilhar; (d) que a constituição de suas compreensões dá-se não como resultado, mas numa trajetória em que essas mesmas compreensões e também os meios de obtê-la podem ser (re)configuradas; e (e) a impossibilidade de estabelecer regulamentações, em procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas. Aceitar esses pressupostos é reconhecer, em última instância, que mesmo esses pressupostos podem ser radicalmente reconfigurados à luz do desenvolvimento das pesquisas. (GARNICA, 2005, p.7)

Quando, na pesquisa aqui delineada, assumiu-se a abordagem qualitativa, não se estava a falar de tipos de fontes a serem mobilizadas, mas da postura com que essas fontes são reconhecidas como interessantes para a investigação, com que são abordadas e analisadas para compreensão da temática em estudo.

A visão de Garnica (2005) que, ao caracterizar a pesquisa qualitativa, em momento algum discute tipos de fontes, é reforçada por Bolívar, Domingo & Fernández (2001)

[...] É curioso catalogarmos como “qualitativa” uma investigação pelo modo como os dados são recolhidos (notas de campo, observação participante, entrevistas, etc.), quando o que a faz qualitativa deveria ser, antes, como ressalta a “teoria fundamentada”, o modo como se analisa e “representa”; isto é, a forma distinta com que se faz emergir a teoria. (p.106, tradução nossa).

Fundamentados na perspectiva historiográfica que considera a histórica como o estudo dos homens no tempo, vivendo em comunidade, e na perspectiva sociológica que considera que o homem singulariza o universal, Meihy (2002) passa ser um interlocutor. Este autor afirma que a “História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por história viva” (p.13).

Na História Oral, os pesquisadores buscam informações por meio de documentos escritos, monumentos, imagens e se apoiam, principalmente, em fontes orais para construir versões históricas.

Segundo Garnica (1998):

A escrita, embora desfavoreça, de certo modo, o contato pessoal, a situação dialógica face a face, ganha em potencialidade e, ao contrário da evanescência dos recursos orais, permite que a situação por ela fixada possa ser retomada, desafiando o tempo, abrindo-se à possibilidade de ser revivida, tirada da letargia dos símbolos impressos, pelo mundo diálogo autor/leitor. (p. 28)

Na pesquisa aqui delineada, estão sendo mapeados documentos como atas, relatórios e Comunicações Internas. Após algumas pesquisas realizadas na biblioteca da UFGD, no centro de documentação regional, na biblioteca municipal de Dourados, na biblioteca da UFMS e no ARCA² de Campo Grande, foram encontradas pouquíssimas documentações relacionadas à UEMT, UFMS, UFGD e ao curso de matemática de Dourados, reforçando as observações de

² O Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA) é um centro que visa resgatar, preservar e divulgar os documentos e a memória social e cultural do município de Campo Grande e região. Foi estabelecido pelo decreto municipal de 19 de agosto de 1991, sendo ligado à Fundação Municipal de Cultura (FUNDAC).

Salandim (2012) de que “a dificuldade de levantar dados sobre a criação de cursos de Matemática faz surgir um outro questionamento voltado à falta de sistematização e disponibilização dos dados relativos à Educação brasileira.” (p.39)

Deste modo, não se trata de uma inversão no cenário anteriormente existente de supremacia das fontes escritas perante as orais, mas do reconhecimento de que cada fonte possui sua potencialidade e limitação e que, por isso, articuladas ampliam as possibilidades da investigação.

A intenção no exercício de criação de fontes a partir da oralidade marca cuidados éticos específicos que diferenciam a história oral de outras metodologias que, na abordagem qualitativa, trabalham com entrevistas.

Entre os procedimentos envolvidos nessa metodologia, está um trabalho inicial de familiarização com a temática em estudo para mapeamento de possíveis interlocutores, bem como para a criação cuidadosa de um roteiro a orientar as entrevistas. Os roteiros estruturam-se em torno de questões geradoras sobre as quais há interesse que o entrevistado narre e, dentro destas, uma sucessão de pontos relevantes à compreensão da temática investigada. Esses pontos são trazidos à tona no processo dialógico com que é pensada a entrevista. Após a gravação das entrevistas (em vídeo ou áudio), inicia-se um processo de degravação com as transcrições e um processo de edição denominado textualização (CURY, 2012).

A transcrição é feita buscando-se um registro literal do momento da entrevista (embora reconhecida como impossível a apreensão de um momento dinâmico pela linearidade da escrita, essa é a direção para a qual se volta). São conservados vícios de linguagem, pausas, entonações, descrição de expressões, entre outros.

A textualização (procedimento que sucede a transcrição) é um exercício de caráter mais analítico, pois coloca o pesquisador na direção de interpretar o dito e construir uma narrativa mais fluente (a partir de reordenações, encadeamentos de ideias apresentadas em diferentes momentos da entrevista...) na direção de produzir um texto que, segundo ele, o interlocutor diria. Esse exercício traz consigo duas posições: a de dispor esse texto analítico no corpo dos trabalhos acadêmicos e a de encaminhar esse texto ao entrevistado para identificar se há um reconhecimento deste quanto a algo que ele efetivamente quis dizer.

Esse último exercício dispara uma negociação em que o interlocutor complementa, exclui e insere novas informações que devem ser acatadas pelo pesquisador. Um indivíduo tem pleno direito sobre suas memórias e a autorização para que estas sejam mobilizadas em estudos científicos é feita por meio de uma carta de cessão.

É interessante observar que a fonte oral é uma forma de registro dos acontecimentos, segundo Meihy e Holanda (2012) a fonte oral é o registro que guarda vestígios de manifestações da experiência humana. Esses vestígios derivam de fatos que marcaram a memória.

Esta última, segundo Delgado (2006), é a principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito no qual múltiplas variáveis dialogam entre si. Podemos relacionar vários assuntos em nossa memória e armazená-los, o tempo nos protege das lembranças desagradáveis e traumáticas, nos fazendo esquecer ou ocultando-as, para que inconscientemente nos tranquilizemos. De um modo ou de outro, segundo a autora, as lembranças podem ser relembradas por estímulos ou por algumas situações.

No caso da história oral, o estímulo à lembrança pode ser feito a partir de um estudo documental prévio. Um recorte de jornal, uma foto da época, documentos profissionais de determinado professor, a ata de uma reunião específica, entre outros, são documentos que podem ajudar no processo de rememoração.

Segundo Meihy (2002), “A história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida. Quanto mais elas os contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento.” (p. 51).

Os cuidados éticos/procedimentais esboçados acima e a preocupação com o processo de rememoração e com as singularidades (apresentadas por MEIHY, 2002) de cada pessoa revelam o caráter fortemente subjetivo na constituição de fontes orais. Preservar o tom da fala do entrevistado torna-se, desse modo, um dos exercícios a serem efetivados. Como a intenção é a criação de fontes históricas, quanto mais completa a entrevista tiver (em termos de significados de siglas, descrição de expressões, indicação de pausas e silêncios, indicação de esquecimentos e ênfases), mais amplamente cumprirá sua função de atender a pesquisas de diferentes áreas, indo além das limitações temáticas da pesquisa que motivou sua criação. Assim, as entrevistas a serem realizadas com antigos professores e alunos dos cursos de interesse em nossa pesquisa, têm a potencialidade de trazer à tona, para além de pontos de vista em relação à sua formação acadêmica, às situações vivenciadas, às parcerias e resistências instauradas e às propostas para a formação de professores de matemática em Mato Grosso do Sul, perspectivas que respondam às questões feitas por pesquisadores de diferentes áreas. Essa perspectiva dialoga com a fundamentação historiográfica deste trabalho ao argumentar que documentos não falam por si, mas respondem às questões que lhe são feitas (em acordo com BLOCH, 2001).

Em pesquisa que buscou analisar o movimento de implantação de Licenciaturas em Matemática no interior do estado de São Paulo, Salandim (2012) afirma que

As narrativas produzidas nas – e a partir das – entrevistas permitiram uma ampliação dos dados disponíveis nos documentos legais existentes e disponíveis e a eles, recorreremos, outras vezes, para compreender melhor alguma informação específica fornecida pelo entrevistado. A relação entre a narrativa oral registrada por escrito e os documentos escritos já existentes e disponíveis foi constante em nossa pesquisa: no momento do levantamento inicial de informações sobre nosso objeto de pesquisa, na estruturação das textualizações das entrevistas e no momento de nossas análises. (p.60)

Coordenador do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática, com o qual essa pesquisa tem parceria, Garnica (2003) apresenta algumas potencialidades dessa metodologia para a área da Educação Matemática,

É interessante notar, aqui, a apropriação criativa que a Educação Matemática tem feito da História Oral como fundante metodológico. Talvez pela familiaridade que os educadores matemáticos tenham com metodologias qualitativas, muitas vezes a História Oral (em suas modalidades) vem apoiar não um levantamento histórico em sentido estrito, mas compreensões mais gerais: elementos que formarão (ou auxiliarão a percepção de) um panorama mais amplo, (...) “composição do cenário ou paisagem”.(p.8)

A história oral não é, portanto, um tipo específico de história, mas uma metodologia que pode ser mobilizada mesmo no caso da temática de investigação não ser de cunho historiográfico (SOUZA, 2011).

Essa possibilidade e as potencialidades apresentadas anteriormente têm contribuído para um aumento significativo no número de pesquisas que se valem dessa metodologia em seus trabalhos. Em 2005, no I Seminário Paulista de História da Educação Matemática, a história oral já era apresentada por Maria Ângela Miorim (em sua palestra) como uma das três tendências da História da Educação Matemática no país.

Esboço dos primeiros indicativos das entrevistas

Nossa intenção neste texto é compreender, por meio das entrevistas, singularidades no discurso de professores de matemática para refletirmos sobre as movimentações que ocorreram no período de criação e implantação do primeiro curso de formação de professores de matemática de Dourados oferecida pela atual UFGD.

Por meio de documentos e conversas informais com o atual coordenador, Irio³, do curso de Licenciatura Plena em Matemática oferecida pela UFGD, tivemos acesso a alguns nomes de professores que poderiam nos ajudar a compreender um pouco do período de criação e implantação do curso.

Como estamos no início da pesquisa, realizamos até o momento três entrevistas com os professores Manzine⁴, Abramo⁵ e Edmir⁶. É interessante observar que as entrevistas irão nos ajudar a compreender o período de criação e implantação do curso, dando-nos indicativos para a construção de um cenário sobre a formação de professores de matemática em Dourados.

No período em que foi implementado o curso de Formação de Professores de Matemática na cidade de Dourados, ainda na década de 1980 um campi da UFMS, a região possuía uma carência de docentes na instituição. Durante as entrevistas fica evidente a origem destes primeiros professores formadores, segundo a fala do professor Manzine (2012):

Eu, sou oriundo de uma família, família Mazine a gente morava inicialmente até os 10, 11 anos de idade, na zona rural. Sou nascido na cidade de Matão, criado nas fazendas Monte Alto e depois na Américo Brasiliense, tudo isso é estado de São Paulo. Em Américo eu fiz os cursos fundamental e depois o curso médio eu fiz em Araraquara, isso no estado de São Paulo, tudo a noite. Em 1973, eu ingressei na faculdade de Filosofia de ciências e letras de Araraquara, aí já é mais o ensino superior.

Eu ingressei no ensino superior na faculdade de Filosofia Ciências e Letras, num curso de Matemática, um curso de Matemática integral. Essa faculdade de Filosofia Ciências e Letras depois foi encapada pela UNESP, portanto quando eu terminei eu terminei na UNESP, com o diploma de matemática da UNESP.

Em 1977, 1978, logo depois que eu terminei, eu estudava com algumas pessoas que vieram pra cá e me incentivaram a prestar concurso aqui, principalmente um amigo que eu tenho em Aquidauana, que era da matemática de Aquidauana, me deu uma força danada, [risos] inclusive no dia em que eu prestei o concurso o professor José Luiz Magalhães estava na sala, ele não fazia parte da banca não. José Luiz Magalhães estudou, a gente estudou junto lá em Araraquara de 73 a 76 e eu prestei o concurso naquela época, não sei bem qual era o ano exatamente 78, 79 não me lembro exatamente, e depois, 78 nada, 90! Eu fui chamado em 1990, foi em 96, 97 por aí.

A entrevista com o professor Abramo dá indícios de sua migração para Dourados:

³ Prof. Msc. Irio Valdir Kichow – coordenador do curso de Licenciatura Matemática da UFGD.

⁴ Prof. Msc. Luiz Gonzaga Manzine - atualmente professor do curso de Licenciatura em matemática da UFDG.

⁵ Prof. Msc. Abramo Loro Neto - atualmente aposentado.

⁶ Edmir Ribeiro Terra – atualmente professor do curso de Licenciatura em matemática da UFDG.

Bom, eu nasci em 3 de maio no Rio Grande do Sul, em 1945. Meus pais eram José Loro e Ladev Mazenbez Loro. Nós somos de uma família de 12 irmãos. Comecei a estudar em uma escola normal rural no interior do município, escola municipal, e depois fiz admissão ao ginásio, isso na cidade de 3 de Maio. Concluí o curso ginásial, que naquele tempo era o ginásio, e depois fui servir o exército em 1963, 63 não 64, em 63 terminei o curso ginásio e, depois cursei o curso científico no colégio CEPET de Araújo, em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. Em 1970 fiz o vestibular no curso de física na Universidade Federal de Santa Maria, mas em 1970 nós mudamos para Dourados aqui em Mato Grosso do Sul que antigamente era Mato Grosso, antes da divisão do estado em 1979. E tive, então, durante meu curso universitário, fiz diversos projetos Rondon, no campus de Boa Vista, no Território Federal de Boa Vista em Roraima, onde a universidade Federal de Santa Maria tinha um campus avançado e prestava serviço na área de educação, na área de serviço e na área agropecuária em uma fazenda experimental lá.

Por meio destes pequenos recortes retirados das transcrições das entrevistas, podemos observar que ambos residiam fora do estado. Sendo que a formação acadêmica dos professores, que viriam a estruturar a formação de professores em Dourados, foi realizada em instituições no sul e sudeste do país. Vindos à cidade de Dourados por motivos familiares e concurso público influenciado por já residentes no estado de Mato Grosso do Sul, esses professores dão os primeiros indícios para entender o movimento migratório de professores formadores para a constituição de cursos no estado de Mato Grosso do Sul.

Considerações finais

Espera-se, ao desenvolver essa pesquisa, contribuir para uma maior compreensão da formação de professores de matemática no Estado de Mato Grosso do Sul com um olhar em especial para a cidade de Dourados e, conseqüentemente, contribuir para a elaboração de um mapeamento sobre essa formação no país (projeto em desenvolvimento nos últimos dez anos). O objetivo desse mapeamento é fornecer elementos para uma discussão sobre políticas públicas a serem estruturadas de modo mais próximo e coerente com as distintas realidades de regiões centrais e marginais do país. Além disso, tentar compreender por meio das entrevistas, o período de criação/implantação do curso e a estruturação do corpo docente do primeiro curso de formação de professores de matemática do antigo campi da UFMS, atualmente a UFGD.

Referências

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história**

em construção. Disponível em: http://200.189.113.123/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/MATEMATICA/Tese_Baraldi.pdf . Acesso em: 19 de agosto de 2012.

BUENO, F. I.S. **A importância da história oral como instrumento de inclusão da cultura negra.** Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST63/Francisca_Izabel_da_Silva_Bueno_63.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2012.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CURY, F.G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado de Tocantins.** Disponível em: http://www.ghoem.com/textos/h/tese_cury.pdf. Acesso em: 13 abril de 2012.

DELGADO, L.A.N. **História Oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica. 2006. 135p.

GARNICA, A. V. M. **A História Oral como Recurso para a Pesquisa em Educação matemática: um Estudo do Caso Brasileiro.** Disponível em: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CFoQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.educ.fc.ul.pt%2Fdocentes%2Fjponte%2Ffdm%2Ftextos%2Fgarnica%252005\(CIBEM\).doc&ei=XeT9vSO5SK6gH51OWKCw&usg=AFQjCNH81I36oXnHM1pj4PNI X1PugJgj0A&sig2=ro9JgPQtrSSYHGibfhIMEA.2005](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CFoQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.educ.fc.ul.pt%2Fdocentes%2Fjponte%2Ffdm%2Ftextos%2Fgarnica%252005(CIBEM).doc&ei=XeT9vSO5SK6gH51OWKCw&usg=AFQjCNH81I36oXnHM1pj4PNI X1PugJgj0A&sig2=ro9JgPQtrSSYHGibfhIMEA.2005) Acesso em: 16 de junho de 2012.

GARNICA, A.V.M. **O Escrito e o Oral: Uma Discussão Inicial sobre os Métodos da História.** 2003.9f. Revista Ciência & Educação, 1998, 5(1), 27–35. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v5n1/a04v5n1.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2012.

GARNICA, A.V.M. **História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação.** Disponível em: http://www.ghoem.com/textos/h/historia_oral_educacao_matematica.pdf. Acesso em: 19 de maio de 2012.

GARNICA, A. V. M. ; MODESTO, M. A. **Professores de Matemática: um estudo sobre formação (continuada)**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Vicente3.pdf . Acesso em: 19 de maio de 2012.

GRESSLER, L.A.; KURTZ, G.R.; VASSCONCELOS, L.M. **Avaliação dos Cursos de licenciatura do centro universitário de Dourados: segundo os egressos período 1971 a 1982**. Dourados: UFMS, 1984. 56p.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**.4^a ed. São Paulo: Loyola, 2002. 13p.

MEIHY, J.C.S.B; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**.2^aed. São Paulo: Contexto, 2012. 175p.

ROSA, J.P. **As 2 histórias da universidade 1966.1978**. Campo Grande: UFMS, 1993. 120p.

SALANDIM, M.E.M. **A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo: Um exame da década de 1960**. 2012. 379f. Tese – instituto de Geociências Exatas, Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Rio Claro, 2012. Disponível em: http://www.ghoem.com/textos/h/tese_martins_salandim.pdf . Acesso em: 20 de maio de 2012.

SOUZA, L. A. **História Oral e Educação Matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões**. 2006. 348f. Dissertação de Mestrado - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006. Disponível em: http://www.ghoem.com/textos/h/dissertacao_luzia_souza.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2012.

SOUZA, L.A. **Trilhas na Construção de Versões Históricas sobre um Grupo Escolar**. 2011.422f.Tese (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências

Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011. Disponível em:
http://www.ghoem.com/textos/h/tese_luzia_souza.pdf. Acesso em: 10 de julho de 2012.